



Luiz Felipe de Alencastro



O Trato dos Viventes

FORMAÇÃO DO BRASIL NO ATLÂNTICO SUL



LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO

O trato dos viventes

Formação do Brasil no Atlântico Sul
Séculos XVI e XVII

11ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Capa

Ettore Bottini

sobre América, com a capitania da Paraíba no centro da série

Os quatro continentes, 1666, 48,5 × 67,5 cm (painel central) e 14,5 × 21 cm (cada painel lateral), óleo sobre cobre de Jan van Kessel (1626-79).

Munique, Alte Pinakothek

Copyright © Blauel/Gnam — Artothek

Índice onomástico

Maria Claudia Carvalho Mattos

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Ana Maria Alvares

Beatriz de Freitas Moreira

Atualização ortográfica

Página Viva

O autor agradece à Fundação de Auxílio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) a bolsa de estágio pós-doutoral (janeiro 1995-junho 1996) que lhe permitiu concluir este livro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alencastro, Luiz Felipe de

O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul : séculos XVI e XVII / Luiz Felipe de Alencastro. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-0008-8

1. Brasil — História — Período colonial I. Título II. Título : Formação do Brasil no Atlântico Sul.

00-1556

CDD-981.021

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|---|---------|
| 1. Brasil : Período colonial : História | 981.021 |
| 2. Brasil Colônia : História | 981.021 |

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio	9
1. O aprendizado da colonização	11
Caminhos dos colonos.....	12
Reparos da Metrópole	21
O escopo do comércio português	29
Instrumentos de política colonial	33
Demanda e oferta, qual é o “primum mobile”?	41
2. Africanos, “os escravos de Guiné”	44
Ventos negreiros.....	57
São Tomé — Laboratório tropical	63
Conquista e catequese na África Central.....	70
3. Lisboa, capital negreira do Ocidente	77
O mercado ibero-americano	78
Cativos e escravos.....	86
Experimentos sul-atlânticos.....	89
Preadores, assentistas, governadores e banqueiros.....	96

Sobre o autor

Luiz Felipe de Alencastro, nascido em 1946, em Itajaí, Santa Catarina, formou-se em história e ciências políticas na Universidade de Aix-en-Provence (França) e doutorou-se em história na Universidade de Paris-Nanterre. Ensinou nas universidades de Rouen, Paris-Vincennes, no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e foi pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). Foi professor na Universidade de Massachusetts em Dartmouth e professor catedrático na Universidade Sorbonne. Atualmente é professor titular de história econômica e diretor do Centro de Estudos do Atlântico Sul da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas e professor emérito da Universidade Sorbonne. Para a Companhia das Letras, organizou o volume 2, *Império — A corte e a modernidade nacional*, da coleção *História da vida privada no Brasil* (dirigida por Fernando Novais).

1ª EDIÇÃO [2000] 11 reimpressões

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA HELVÉTICA EDITORIAL EM DANTE
E IMPRESSA PELA GRÁFICA SANTA MARTA EM OFSETE SOBRE PAPEL PÓLEN SOFT
DA SUZANO S.A. PARA A EDITORA SCHWARCZ EM MAIO DE 2021



A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

“**A**ngola... de cujo triste sangue, negras e infelizes almas se nutre, anima, sustenta, serve e conserva o Brasil”, escrevia o padre Antônio Vieira. O jesuíta luso-brasileiro definia o Atlântico Sul português: Brasil e Angola formavam um agregado único. O africano incorpora-se à paisagem americana. Nas alegorias seiscentistas, tal a pintura holandesa da capa, o Brasil é representado como a terra natural de negros e índios que vivem lado a lado.

Dependentes dos escravos angolanos, as capitanias sul-americanas se entrelaçam num espaço complementar ao território de Angola. O comércio negreiro se transforma num elemento essencial de coesão da América portuguesa. Inversamente, os interesses do colonato do Brasil se afirmam do outro lado do mar. Interesses concretos, movimentando homens e mercadorias através do Atlântico.

Aguerridas nos combates contra índios, holandeses e quilombolas, aclimatadas ao meio ambiente tropical, tropas enviadas do Brasil ajudam os colonos portugueses de Angola a vencer a resistência africana e ampliar o comércio de escravos. Ao mesmo tempo, as exportações de cachaça conquistam os mercados da África Central. Rio de Janeiro, Salvador e Recife ficam muito mais vinculadas a Luanda e Benguela do que a São Luís e Belém.

Os acontecimentos que se desenrolam nas terras africanas e americanas do Atlântico se esclarecem por meio de um jogo de efeitos recíprocos. Submetidos ao choque microbiano gerado pelos Descobrimentos, os povos indígenas sucumbem às doenças trazidas por europeus e africanos. A emergência dos mulatos no Brasil ganha todo o seu relevo quando é confrontada com os impasses da mestiçagem em Angola. O Brasil colonial tem sido estudado da mesma maneira que a Lua era observada antes dos voos espaciais: do lado que reflete o Sol, do lado de Portugal, da Europa. Incorporar os eventos transcorridos em Angola à narrativa dos eventos brasileiros é como descobrir o lado escondido da Lua, a metade oculta da história do Brasil.

ISBN 978-85-359-0008-8

